

EDITORIAL

A capa desta edição da *Paisagem e Ambiente: ensaios* mostra imagens do presente, mas também de restos intactos de um passado, de um tempo em que o Paisagismo era privilégio das elites econômicas do país. De um tempo em que as praças e os parques das principais cidades brasileiras eram objeto de projetos especiais. Roberto Burle Marx era o paisagista oficial do Brasil, com obras de alta visibilidade – parques, praças no Rio de Janeiro e em Brasília, jardins em palácios e mansões.

Não havia, nessa época, um paisagismo estruturado – nem como área de conhecimento, nem como projeto – pois somente atuavam uns poucos autores, muitos de qualidade, à sombra de Burle Marx, que com seu trabalho de qualidade excepcional se tornou um dos maiores paisagistas do século XX.

Em 2016, faz 34 anos que Miranda Magnoli escreveu sua tese de livre docência, “Espaços livres e urbanização: uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana”, na qual define os espaços livres como elementos fundamentais do paisagismo, tornando-se referência para várias gerações de pesquisadores que atuam como coordenadores de equipes de pesquisa e professores pelo país afora.

Não existe mais o paisagista oficial do país, que desenha e cria os jardins e parques dos palácios, que se foi nos anos 1990, não tendo sucessores no seu posto.



Parque Sara Kubitscheck, em Brasília (DF). Com projeto original de Roberto Burle Marx, ainda guarda no desenho de suas águas e em parte de seus caminhos o traçado forte do paisagista, que elaborava formas curvilíneas com elegância, marca registrada de seus projetos. Foto: Silvio Soares Macedo, 2015.

O Paisagismo vira uma atividade cotidiana, feito por equipes técnicas de prefeituras – que criam centenas de praças e parques –, por empresas de projeto de paisagismo – que fazem milhares de jardins e áreas comuns de condomínios e loteamentos fechados. Torna-se um ofício de arquitetos, e milhares de jovens estudantes são iniciados em seus fundamentos nas mais de duzentas faculdades de arquitetura

que existem no país. Muitos se dedicam exclusivamente a tal atividade na vida profissional.

Ainda há, é claro, paisagistas de renome nacional, que fazem projetos de grife para magnatas e chefes de estado, alguns de qualidade excepcional.



Jardins e fonte do complexo corporativo Rochaverá, em São Paulo (SP). Projeto altamente elaborado, com predomínio de plantas tropicais, de Sérgio Santana e equipe, um dos paisagistas mais renomados do Brasil. Foto: Silvio Soares Macedo, 2015.

Paradoxalmente, apesar de todos esses avanços, o Paisagismo continua sendo confundido por muitos como atividade de fazer jardins – e os espaços livres, em geral, não são objeto de cuidados da população, das empresas e do poder público em geral.

Por outro lado, as pesquisas em Paisagismo têm se expandido de modo inegável por todo o país. Há produções diversificadas e consistentes, focos de diversos grupos e pesquisas de iniciação científica, mestrados, doutorados e até projetos temáticos.

A própria existência desta revista, 37 números após seu lançamento no final da década de 1980, é um fato importante, pois mostra um interesse constante pelo assunto, que se expressa nas dezenas de artigos que têm chegado até nós, nos milhares de acessos de interessados e na possibilidade de termos três edições anuais, todas bilíngues, em 2017.

Pesquisadores brasileiros são compelidos pelos padrões de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) a escrever para o exterior em revistas arbitradas, ao mesmo tempo em que se exige das nossas revistas uma inserção internacional nem sempre possível.

Todos (ou quase todos) acabarão acatando tais padrões, enquanto a finalidade básica da nossa pesquisa deveria ser, como sempre, criar referências conceituais e metodológicas para os processos urbanos, paisagísticos e ambientais do nosso país, um dos maiores do mundo em extensão territorial, em constante processo de expansão urbana, que tem produzido situações ambientais e paisagísticas que no mínimo merecem avaliações críticas, senão valorizações qualitativas.

A pesquisa¹ tem nos levado a viajar pelo Brasil, propiciando novas parcerias com grupos locais na Amazônia, em Macapá, Belém, Manaus, na Região Centro-Oeste etc. Tem proporcionado a consolidação de velhas parcerias. Em cada viagem, a cada oficina de pesquisa, temos trazido novos colaboradores para a revista. Neste número, por exemplo, os artigos de Karen Meneguetti e Ana Claudia Cardoso são resultados dessas novas parcerias e trabalhos conjuntos.

Na seção **Paisagem Urbana** desta edição, apresentamos os artigos *Forma urbana de Belém e seus desdobramentos para a formação de um sistema de espaços livres acessível à população*, de Ana Claudia Duarte Cardoso, José Julio Ferreira Lima, Raul Ventura Neto, Roberta Menezes Rodrigues, Juliano Pamplona Ximenes e Taynara do Vale Gomes – resultado direto de uma oficina Quapá na Universidade Federal do Pará – e *Entre a rua e o muro: a construção de uma interface nos condomínios horizontais fechados*, de Karin Schwabe Meneguetti e Gislaine Elizete Beloto, que focaliza a desvalorização do papel público da rua com o advento dos loteamentos fechados na cidade de Maringá.

A seção **Projeto** expõe três artigos. O primeiro, de Ana Rita Sá Carneiro, Cristina Castel-Branco e Joelmir Marques da Silva, intitulado *Burle Marx no Recife: restauro do jardim do aeroporto dos Guararapes como bem patrimonial*, que apresenta a experiência do workshop “Restauro de Jardins Históricos”, ocorrida em 2012 na cidade do Recife, tendo como foco a praça Ministro Salgado Filho, projetada pelo paisagista Roberto Burle Marx – um dos espaços paisagisticamente mais emblemáticos da cidade. A professora Ana Rita é uma das especialistas em restauro e patrimônio paisagístico no país, tendo importante papel no estudo e restauro dos jardins de Burle Marx em Recife.

O segundo, *Pista multiuso da Universidade Federal de Santa Maria: do projeto à materialização*, de Alice Rodrigues Lautert, Felipe Segala Gravina, Letícia de Fátima Durlo Coutinho, Maurício Picetti dos Santos, Paula Gabbi Polli, Josicler Orbem Alber-

¹ Aqui me refiro ao projeto temático “Sistemas de Espaços Livres e a Constituição da Forma Urbana Contemporânea Brasileira”, em desenvolvimento desde 2011, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no laboratório Quadro do Paisagismo no Brasil (Quapá) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP).

ton e Luis Guilherme Aita Pippi, mostra um trabalho interessante realizado pelo professor Pippi, docente de Paisagismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e sua equipe: uma pista multiuso projetada e construída no *campus* da universidade, no estado do Rio Grande do Sul.

O terceiro artigo, de Sylvia Adriana Dobry-Pronsato, Caio Boucinhas, Antônio Busnardo Filho e Denise Falcão Pessoa – *Parque Ecológico Aldeia de Carapicuíba: projeto de paisagismo participativo valorizando um patrimônio histórico* –, mostra o processo participativo na concepção de um parque localizado na área da antiga Aldeia de Carapicuíba (no município de mesmo nome) na região Oeste da metrópole paulistana.

A seção **Fundamentos** abrange uma compilação de conceitos em voga de espaços livres no artigo de Evy Hannes, *Espaços abertos e espaços livres: um estudo de tipologias*, que busca discuti-los a partir de suas diferentes funções urbanas.

Em *Parque Ecológico Monsenhor Emílio José Salim, Campinas (SP): contradições na implementação de um parque urbano contemporâneo*, na seção **Pesquisa**, Daniela Andrade Lacrete e Renata Baesso Pereira exibem uma boa análise sobre o projeto do parque – concebido por Roberto Burle Marx e sua equipe na década de 1990 – e a realidade construída, bem diferente da contida na intenção do projeto.

A seção **Ensino**, com o artigo *Teoria da paisagem em cadernos de bordo: uma experiência no ensino de arquitetura e urbanismo*, de Julieta Maria Vasconcelos Leite e Rafaela Rodrigues Alves Souza, apresenta uma experiência didática relativa ao ensino do Paisagismo, que mostra anotações realizadas em campo, de caráter gráfico, feitas por alunos da Universidade Federal de Pernambuco para a disciplina Teoria III, com o objetivo de ter um entendimento consistente da paisagem urbana local. Apesar de não ser uma disciplina exclusivamente dedicada ao Paisagismo, a experiência mostra bons resultados na compreensão da paisagem urbana e mostra como em outras disciplinas é possível ministrar, de modo eficaz, conteúdos de Paisagismo.

Nosso último texto, *“Verde-Amarelo” em Pindorama: a sociedade brasileira, a apropriação do território e o patrimônio ambiental*, na seção **Paisagem**, apresenta reflexões da professora Miranda Martinelli Magnoli sobre a paisagem brasileira, sua construção desde a descoberta do Brasil pelos europeus, buscando relacionar colonos e povos com a construção da identidade nacional e o respeito ou desrespeito ao meio ambiente que perpassa cinco séculos. Trata-se de um texto repleto de incisivos e notas que nos levam a pensar sobre as conquistas e perdas ocorridas nesses séculos de evolução, permitindo ao leitor uma visão consistente do processo de construção da paisagem nacional contemporânea em 2016.

Silvio Soares Macedo
Editor
Junho/2016